

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA  
CATARINA – CAMPUS ITAJAÍ

**ANGELA SANTOS DA FONSECA**

**UM OLHAR SOBRE O MUNDO MARINHO: PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO  
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

ITAJAÍ  
2017

ANGELA SANTOS DA FONSECA

**UM OLHAR SOBRE O MUNDO MARINHO: PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA  
PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO  
TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Especialização em Ciências Marinhas Aplicadas ao Ensino apresentado ao Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Itajaí como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ciências Marinhas Aplicadas ao Ensino.

Orientador: Leonardo da Silva  
Coorientadora: Ana Paula Boff

ITAJAÍ  
2017

**UM OLHAR SOBRE O MUNDO MARINHO: PROPOSTA  
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE  
EMPATIA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO TERCEIRO ANO  
DO ENSINO MÉDIO**

**ANGELA SANTOS DA FONSECA**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do diploma de Especialista em Ciências Marinhas Aplicadas ao Ensino e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

Itajaí, 27 de novembro de 2017

*Leonardo da Silva*

Leonardo da Silva  
Mestre

*Melina Chiba Galvão*

Melina Chiba Galvão  
Mestre

*Fernando Mezadri*

Fernando Mezadri  
Mestre

*Para*

*Meus amores Livia e Luiza*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores da Especialização em Ciências Marinhas Aplicadas ao Ensino do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Itajaí pela dedicação e incentivo.

Especialmente ao professor orientador Leonardo da Silva e à professora coorientadora Ana Paula Boff, por compartilharem seus conhecimentos.

Agradeço aos meus alunos e colegas de profissão por me estimularem a crescer e estudar sempre.

À minha família, que sempre está comigo incondicionalmente.

Finalmente, aos meus amigos da turma do mate que tornaram as aulas muito divertidas e à minha amiga Izabel Cristina Mendes por ter me ajudado nas pesquisas e revisão do texto.

“Quando a lei de amor e caridade for a lei da humanidade, não  
haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais  
explorados nem espezinhados pelo forte e o violento.”

*Allan Kardec*

## RESUMO

A empatia é um conceito que pode ser utilizado para sensibilizar os estudantes do ensino médio acerca dos problemas relacionados à poluição do ambiente marinho. É uma sequência didática que permite uma reflexão nas aulas de filosofia, apropriada para o desenvolvimento que promova a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação acerca do tema empatia com o ambiente marinho. Tendo isto em vista, a presente monografia, pautada Parâmetros Curriculares Nacionais e, mais especificamente, a Proposta Curricular de Santa Catarina, tem como objetivo geral desenvolver uma sequência didática que busque promover a empatia dos discentes com relação à diversidade socioambiental marinha. Mais especificamente, objetiva-se promover a reflexão sobre a empatia e suas possibilidades nas aulas de filosofia do terceiro ano do ensino médio. Os resultados consistem em uma proposta didático pedagógica composta por cinco planos de aula incluindo atividades de pesquisa, discussão, reflexão e que propõem atividades práticas, como aula de campo e desenvolvimento de um teatro, apontam que existem diversos recursos disponíveis para promover a empatia nas aulas de filosofia. Este trabalho pode servir, desta forma, de iniciativa para outras vivências escolares no ensino médio que insiram essa temática no currículo.

**Palavras-chave:** Aula de Filosofia. Ambiente Marinho. Empatia.

## ABSTRACT

Empathy is a concept that can be used to touch high school students about problems related to pollution of marine environment. Philosophy classes reflection is appropriate to develop a didactic sequence that promotes sensitization, problematization, investigation and conceptualization on empathy theme with marine environment. With this in view, this monograph has as general objective to develop a didactic sequence that aims to promote empathy of students with respect to marine socio-environmental diversity, based on main documents that guide national education, such as National Curricular Parameters and, more specifically, the Curricular Proposal of Santa Catarina. More specifically, it aims to promote reflection on empathy and its possibilities in high school philosophy classes. The results, which consist of a pedagogical didactic proposal composed of five lesson plans including research, discussion, reflection and propose experiences such as outdoor classes and to put on a play, point out that there are several resources available to promote empathy in philosophy classes. Thus, this work can serve as an initiative to other high school experiences that insert this theme on curriculum. Therefore, I emphasize the importance of teachers seeking new strategies to promote dialogues on marine socio-environmental diversity.

**Keywords:** Philosophy. Marine Environment. Empathy.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>2.1 Filosofar para viver melhor: o papel das aulas de filosofia .....</b> | <b>12</b> |
| <b>2.2 Empatia na aula de filosofia .....</b>                                | <b>13</b> |
| <b>2.3 Ambiente marinho na aula de filosofia .....</b>                       | <b>15</b> |
| <b>3 METODOLOGIA.....</b>  | <b>17</b> |
| <b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>   | <b>21</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                       | <b>30</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>  | <b>34</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Em minha experiência como professora de filosofia, observei muitos casos de preconceito e discriminação dentro das escolas nas quais tenho trabalhado desde 2004. Percebi determinados estudantes com dificuldades para participar de grupos, preferindo trabalhar sozinhos. Diante disto, sempre me perguntei: será que realmente querem trabalhar sem compartilhar seus conhecimentos e experiências com as outras pessoas, ou estariam sofrendo algum tipo de preconceito?

Observei que há muita discriminação no contexto escolar, como, por exemplo, os diversos casos de *bullying*<sup>1</sup>. Diante disso, torna-se importante pensar em alternativas para lidar com esse problema. Uma das alternativas é o desenvolvimento da empatia nas aulas de filosofia. De acordo com Brolezzi, empatia é “um conceito criado para explicar uma série de manifestações humanas que envolvem o conhecimento do outro, incluindo suas ideias e sentimentos” (BROLEZZI, 2014a, p. 154).

Muitos assuntos são desconhecidos dos(as) alunos(as), apesar de possuímos, na área da docência, leis que garantem a inserção dos temas relacionados ao meio ambiente no currículo. Em nosso país, há legislação específica sobre o assunto, a exemplo da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Esta lei justifica a inserção do tema meio ambiente nos currículos e nos planejamentos escolares e em seu Art. 2º estabelece: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo [...]” (BRASIL, 1999). Do mesmo modo, o § 1º do Art. 10 explicita: “A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino” (BRASIL, 1999), podendo ser trabalhada como tema transversal em todas as áreas do conhecimento.

Nesse contexto, a proposta deste trabalho é a de promover uma sequência didático-pedagógica no terceiro ano do ensino médio, mais especificamente nas aulas de filosofia com relação ao ambiente marinho. Essa pode ser uma forma de promover reflexão sobre as relações entre os seres humanos e o meio ambiente marinho.

Ao utilizar exemplos de empatia entre os animais, como os apresentados pelo primatólogo Frans de Waal (2015), sustentando que a empatia está presente na natureza; ela é uma capacidade muito antiga e geral que encontramos em todos os tipos de animais. Podemos

---

<sup>1</sup> “[...] violência que machuca, mas que para muitos educadores se encontra longe de ser entendida e mesmo legitimada como uma forma de violência” (TOGNETTA; VINHA, 2010, p. 450).

utilizar o conceito de empatia e trabalhar os problemas humanos, a aula de filosofia pode possibilitar esse movimento entre o meio marinho e os estudantes.

Waal (2015) cita como exemplos de empatia entre espécies distintas os casos de humanos que ajudam baleias encalhadas e de golfinhos que às vezes ajudam nadadores que estão se afogando ou estão sendo ameaçados por tubarões. Isso mostra que estar “em sintonia, agir coordenadamente e cuidar daqueles que necessitam não são ações exclusivas da nossa espécie” (WAAL, 2010, p. 10).

Os seres humanos, que possuem habilidades distintas dos outros animais da natureza, podem desenvolver a empatia para tentar minimizar as injustiças cometidas contra esses animais e os seus sofrimentos — capacidade apontada como importante por diferentes documentos norteadores da educação brasileira. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Ciências Humanas e suas tecnologias (2000), por exemplo, encontra-se de forma clara a necessidade de se trabalhar no sentido de contribuir para a transformação dos indivíduos. De acordo com o documento, “na base da identidade e da igualdade deverá estar a sensibilidade, primeiro momento do se posicionar socialmente, que deverá guiar o indivíduo para a indignação e o repúdio às formas veladas ou explícitas de injustiça<sup>2</sup> ou desrespeito” (BRASIL, 2000, p. 12).

A proposta curricular de Santa Catarina (2014) aponta a necessidade de problematizar diversos conceitos e relações na área de ciências humanas, incluindo a relação do ser humano com o meio ambiente. O que proponho é promover a empatia em relação ao ambiente marinho. Como veremos, podemos desenvolver a empatia e modificar hábitos que estejam provocando dor ou sofrimento em outros animais, como plásticos descartados indevidamente nas águas. Nesse sentido, podemos entender que nossa sociedade também comete violências em relação a certos grupos em ecossistemas marinhos, nem sempre essa percepção acontece de forma natural, as ciências humanas podem despertar essa mudança necessária em nossa sociedade. Considerando que a empatia, a solidariedade e o altruísmo são comuns entre as diferentes espécies apontadas anteriormente, Waal afirma que essa “conexidade não é nenhum segredo” (WAAL, 2010, p. 95).

---

<sup>2</sup> Ao longo dos anos pude perceber a maneira como algumas pessoas na sociedade repetem padrões. Por exemplo, na nossa sociedade brasileira, “futebol continua a ser visto como coisa para ‘machos’ e a ginástica artística para as ‘delicadas’ meninas” (MARTINS, 2009, p. 93). Existem determinados padrões considerados “normais” socialmente e o que estiver fora dessa normativa é percebido com estranheza pelo grupo social. Imaginem, então, se um menino aparecesse na escola usando uma roupa de menina ou se alguém excluído socialmente começasse a falar em um grupo no recreio escolar? O desenvolvimento de empatia pode ser uma maneira de intervir nestes problemas.

Vamos tratar desse tema na disciplina de filosofia e provocar reflexão sobre o ambiente marinho no universo escolar; a partir do período chamado pós-modernidade, os(as) filósofos(as) deixam de analisar os problemas humanos e passam a interferir com a sua atitude, as disciplinas na área de humanas são as que mais poderão contribuir para as necessárias mudanças e manutenção da vida de algumas espécies de animais marinhos no planeta.

Além disso, os seres humanos têm a possibilidade de criar novas tecnologias e alterar o meio ambiente marinho. Podem também modificar problemas ambientais graves, como no exemplo do projeto Tamar aqui no Brasil, incentivando a educação ambiental. Cabe destacar o acúmulo de resíduos plásticos nas praias, que pode provocar a morte de animais marinhos, e a iluminação noturna da praia, que pode impedir tartarugas marinhas de encontrarem o mar após saírem dos ovos:

Estima-se que, em escala global, até 80% do lixo encontrado em praias chega à costa através dos rios próximos, dependendo dos padrões de circulação das águas costeiras. Os frequentadores das praias também contribuem, às vezes de forma alarmante, ao deixar os próprios resíduos na areia. A dinâmica costeira (ventos, ondas e marés) transfere o lixo para a água, tornando sua coleta muito mais difícil. A pesca, a navegação e outras atividades marítimas, embora em menor escala, também têm sua parcela de culpa na poluição. Grande quantidade de linhas, redes e outros artefatos de pesca é perdida no mar a cada dia, não só contaminando o ambiente, mas trazendo sérios riscos para peixes, aves, golfinhos e baleias (ARAÚJO; COSTA, 2003, p. 65).

Muitas vezes tratar de problemas distantes de nossa realidade auxilia a trabalhar internamente as discriminações ocorridas nas escolas, falar das agressões escolares é muito difícil, por isso, levar para a aula de filosofia a questão do descarte inadequado dos resíduos plásticos e abordar os riscos para as espécies marinhas pode ser uma forma de trabalhar com o tema empatia em relação ao ambiente marinho, enfatizando a modificação causada pelas pessoas nesse ambiente e a possibilidade de transformação no ambiente escolar.

Apesar de a proposta curricular de nosso Estado não abordar especificamente o ambiente marinho, o documento traz os hábitos de vida e o impacto para o meio ambiente marinho, do surgimento de novas técnicas e tecnologias, tais como a utilização de embalagens plásticas de forma acentuada e o descaso com o descarte desses resíduos, como temas que podem ser desenvolvidos no ensino médio. Relacionando esta pesquisa a essas questões, entendo que é pertinente trabalhar e discutir a ação antrópica sobre o ambiente.

É significativo para os estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola do Vale do Itajaí — contexto em que leciono — aprender temas relacionados ao mar, principalmente se levarmos em conta a localização da escola em um ambiente litorâneo. Deve-se, portanto, abordar questões ligadas ao contexto social em que o aluno está inserido.

Por conta disso, também se mostra relevante o desenvolvimento da empatia em relação ao meio ambiente marinho nas aulas de filosofia.

Portanto, a partir dessas considerações, configura-se o seguinte problema de pesquisa: como planejar uma proposta didática para as aulas de filosofia do terceiro ano do ensino médio, objetivando desenvolver a empatia em relação às diversidades socioambientais e marinhas em sala de aula?

Com base no problema, esse estudo tem como objetivo geral desenvolver uma proposta didática que busque promover a empatia dos estudantes em relação à diversidade socioambiental marinha nas aulas de filosofia do terceiro ano do ensino médio, pois consta no currículo o conceito de empatia e ética, durante esse período.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, incluindo esta parte introdutória, que se divide em três subseções que discutem: 1) o papel das aulas de filosofia, 2) a empatia e 3) o ambiente marinho explorado como objeto de estudo, nas aulas de filosofia. No segundo capítulo discuto o papel das aulas de filosofia no ensino médio, a promoção da empatia na escola e a importância de se tratar de questões relacionadas ao ambiente marinho. No terceiro, exponho os procedimentos metodológicos para, depois, apresentar e discutir os resultados da investigação. No quinto e último capítulo, apresento as considerações finais deste estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Filosofar para viver melhor: o papel das aulas de filosofia

A curiosidade no convívio com as outras pessoas é uma possibilidade de aprimorar o conhecimento, a atitude filosófica de questionar, desde o método proposto por René Descartes na Idade Moderna, em que a dúvida assume o papel principal para a pesquisa de cunho científico, com o desenvolvimento de métodos a partir de uma dúvida. Desta forma, o “‘se duvido, penso’ leva ao *cogito*: ‘penso, logo existo’” (DESCARTES, 1999). A curiosidade e o ato de duvidar promovem o início do filosofar propriamente científico — pensamento comum para os filósofos do início da ciência moderna. Nesse período começa a exploração das Américas, o Novo Mundo e, com o método científico o ser humano pôde aprimorar as tecnologias e utilizar cada vez mais a natureza, a partir da ciência descobriu-se novos horizontes, deixando, aos poucos, as velhas certezas do período medieval.

O ser humano possui uma curiosidade científica, filosófica ou de senso comum que o leva, muitas vezes, ao aprimoramento de suas atividades profissionais ou de lazer. Os docentes, por exemplo, crescem intelectualmente ao se questionarem e partirem para a pesquisa científica, permitindo um maior conhecimento em suas áreas de atuação.

O conhecimento filosófico permite mudanças de paradigmas: ao conhecer, saímos da ignorância e começamos a nos permitir pensar de outra forma, com um olhar mais questionador. Kuhn (1962), define paradigma como sendo “um conjunto de normas e tradições dentro do qual a ciência se move, durante determinado período” (KUHN apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 387). A filosofia proporciona essa abertura ao possibilitar o acesso a novas perspectivas. Além disso, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio acentuam:

Mais do que reproduzir dados, denominar classificações ou identificar símbolos, estar formado para a vida, num mundo como o atual, de tão rápidas transformações e de tão difíceis contradições, significa saber se informar, se comunicar, argumentar, compreender e agir, enfrentar problemas de qualquer natureza, participar socialmente, de forma prática e solidária, ser capaz de elaborar críticas ou propostas e, especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado (BRASIL, 2006, p. 9).

Por conta disso, ao pensar filosoficamente, possibilita-se que alunos não sejam meros repetidores de ideias, mas sim jovens capazes de filosofar e de refletir criticamente sobre o seu contexto. Justamente por isso se ensina filosofia no ensino médio. Defendo que se deve

estendê-la ao ensino fundamental, pois os conceitos estudados na disciplina estão relacionados aos problemas humanos, uma vez que questionar, refletir e desenvolver o senso crítico é fundamental para a formação dos seres humanos.

Uma das competências em filosofia, segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias (BRASIL, 2006) é a contextualização sociocultural.

## **2.2 Empatia na aula de filosofia**

Brolezzi (2014b) discorre sobre o termo empatia, relacionando-o às relações que se estabelecem no ambiente escolar, e aponta que ele surgiu da palavra alemã *Einfühlung* (sentir dentro, sentir em), sendo que no contexto da filosofia da arte era utilizado, inicialmente, para descrever a experiência estética. Nesse sentido, Vygotsky, no livro *Psicologia da Arte* (1925), utilizou esse conceito, associando-o à estética da arte, da literatura e do teatro e, em seus escritos, “procura dar um caráter cognitivo, cultural e social às emoções e manifestações artísticas, características que seriam, mais tarde, incorporadas à teoria da empatia” (BROLEZZI, 2014, p. 159).

Em relação ao entendimento do conceito de empatia na atualidade, Brolezzi explicita que “a empatia pode ser definida como resposta afetiva e cognitiva vicária a outras pessoas, ou seja, uma resposta afetiva e cognitiva apropriada à situação de outra pessoa, e não à própria situação” (BROLEZZI, 2014a, p. 3). Já de acordo com Costa, “a empatia depende de uma ambivalência que promova múltiplas interações, possibilidades de diálogo, de reflexão, de construção coletiva entre pessoas diferentes” (COSTA, 2016, p. 37).

Como vimos, de acordo com Costa (2016), a empatia pode ser entendida por possibilidades de interações, inclusive fruto da convivência entre pessoas diferentes. Logo, a interação, a possibilidade de diálogo, a reflexão e a construção coletiva de conhecimentos são importantes características para as aulas de filosofia e a sequência didática proposta buscará fazer com que os(as) alunos(as) conheçam o ambiente marinho.

Neste estudo, a empatia vai além da relação com o outro ser humano e se estende para o relacionamento com o ambiente marinho. A relação de empatia das pessoas com o meio ambiente, definida por Chawla (1998) como sensibilidade ambiental, apresenta-se como um dos fatores determinantes para despertar a preocupação com o meio ambiente e desenvolver um compromisso de conservação para com a natureza. A diversidade no ambiente escolar, assim como a diversidade marinha, pode possibilitar um amplo debate para a análise da

empatia. De acordo com Louise Chawla (2007), “a vivência de experiências de vida significativas é fundamental para que se constitua no sujeito o compromisso para com os outros e com o meio ambiente”.

Frans de Waal (2015) sustenta o argumento de que a relações não deve ser construída com base na competição, mas sim, como acontece na natureza, fundamentada na cooperação e na empatia.

Se parte do outro reside em nós, se nos sentimos unidos a ele como se fôssemos um só, então o ato de melhorar a vida do outro automaticamente repercute dentro de nós. E pode ser que isso não seja verdade somente em relação aos humanos. É difícil ver por que razão um macaco escolheria sistematicamente os resultados pró-sociais, em vez dos resultados egoístas, se não houvesse algo intrinsecamente recompensador em relação aos primeiros (WAAL, 2010, p. 169).

Em relação ao meio marinho, provavelmente não seja possível saber exatamente como uma toninha se sente ao ficar presa em uma rede de pesca perdida no oceano, mas começar a pensar sobre isso é um passo importante, pois é mais fácil entender que ao ser ajudada, a mesma toninha vai se sentir bem, assim como quem a ajudou.

Para que possamos utilizar o conceito de empatia com relação ao ambiente marinho, de forma crítica, nas aulas de filosofia, precisamos refletir sobre velhos hábitos e crenças e entender que “a sensibilidade de empatia interespecie disputa centralidade na ordenação de valores com uma lógica de interação estabelecida há mais tempo” (LIMA; BRITO, 2016, p. 318-319). Ao refletirem sobre como os seres marinhos se sentem ao sofrerem violências, os(as) alunos(as) poderão desenvolver a empatia em relação a esses animais e passar a considerar esse problema nas aulas de filosofia, questionar se os seres humanos podem se considerar mais importantes que os animais marinhos e se a natureza existe para servi-los.

Faz-se necessário analisar o ambiente marinho como uma extensão de nossas vidas, algo muito próximo que pode interferir em nossa economia local, por exemplo, em função de nossa cidade ser considerada portuária, pesqueira e turística, recebendo pessoas do mundo inteiro. Dessa forma, o que acontece com a meio ambiente marinho afeta a vida das pessoas, mesmo que elas não tenham consciência disso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam a importância do trabalho com diversos temas transversais — “temas que abordam valores referentes à cidadania: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural” (MENEZES; SANTOS, 2001). Neste contexto, o meio ambiente marinho precisa estar também no enfoque do planejamento dos(as) professores(as), principalmente nas aulas de

filosofia, assim como nas demais disciplinas, em função da reflexão promovida em sala de aula, até mesmo sobre as decisões futuras: “é preciso refletir sobre como devem ser essas relações socioeconômicas e ambientais, para se tomar decisões adequadas a cada passo, na direção das metas desejadas por todos: o crescimento cultural, a qualidade de vida e o equilíbrio ambiental” (BRASIL, 1997, p. 27).

### 2.3 Ambiente marinho na aula de filosofia

Em função do nosso contexto histórico e geográfico, é possível abordar diversas questões relacionadas ao impacto da ação humana no ambiente marinho, possibilitando a reflexão filosófica na tentativa de promover a empatia em relação aos oceanos.

De acordo com informações da Agência Europeia do Ambiente (em inglês, *European Environment Agency* –EEA), os resíduos nas águas de nosso planeta geram um problema de grandes proporções:

Os oceanos cobrem cerca de 70% da superfície do nosso planeta e há lixo marinho praticamente por toda a parte. O lixo marinho, principalmente os plásticos, ameaça não só a saúde dos nossos mares e costas, mas também a nossa economia e as nossas comunidades. A maior parte desse lixo provém de atividades terrestres (EEA, 2014, p. 5).

Neste sentido, a filosofia pode auxiliar ao trazer leituras dos filósofos acerca de problemas anteriores, ao perceber que seres humanos comportam-se de forma cíclica, geralmente cometendo os mesmos equívocos. A filósofa Hanna Arendt (1999), por exemplo, escreveu sobre *a banalização do mal*, referindo-se a como os nazistas agiam em relação aos judeus. Para a autora, o aspecto da repetição dos serviços nos campos de concentração, em que o funcionário apertava o botão que acionava a câmara de gás, tornava um ato de crueldade como sendo rotineiro ou de simples exercício de sua função. Este texto pode ser utilizado, por exemplo, como um paralelo para a questão do meio ambiente marinho, de forma a promover reflexão sobre atitudes dos seres humanos em relação aos animais marinhos que, de tão rotineiras, acabam sendo banalizadas.

Sobre os direitos dos animais Peter Singer (1975) em seu livro “*Libertação Animal*” aborda o desrespeito com relação às outras espécies da natureza. Em contrapartida, o exemplo de reflexão sobre o descaso com o meio ambiente se refere à utilização dos plásticos em larga escala nas grandes cidades, em que as pessoas optam pela compra de produtos embalados em recipientes de forma cotidiana, sem pensar em outras possibilidades. Seria importante, neste

sentido, escolher produtos sem tantas embalagens ou então reclamar na indústria sobre a real necessidade de tantas camadas de plástico, isopor ou outro material na volta dos produtos, como no exemplo de frutas e legumes já embalados. A Agência Europeia do Ambiente assevera:

A produção em massa de plásticos começou na década de 1950 e aumentou exponencialmente de 1,5 milhões de toneladas por ano até ao atual nível de 280 milhões de toneladas anuais. Cerca de um terço da produção atual é constituído por embalagens descartáveis que são deitadas fora aproximadamente um ano após terem sido produzidas. Ao contrário dos materiais orgânicos, o plástico nunca ‘desaparece’ na natureza e acumula-se no ambiente, principalmente nos oceanos (EEA, 2014, p. 6).

Entende-se, ainda, que o desenvolvimento da empatia pode fazer parte do desenvolvimento filosófico do aluno. Essa pesquisa se sustenta no fato de que o tema meio ambiente necessita ser inserido nos currículos em todas as disciplinas, principalmente se pensarmos na questão da importância desse assunto para os seres humanos. Foi-se o tempo<sup>3</sup> em que os seres humanos tinham a falsa ideia de que os recursos são inesgotáveis, como observamos no alerta exposto no texto do Ministério do Meio Ambiente (MMA), intitulado “Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil”:

A despeito de suas dimensões, grande parte da zona marinha do país é caracterizada por baixa concentração de nutrientes e por produtividade reduzida, contrariando a percepção comum de que essa região constitui fonte abundante ou inesgotável de recursos. Embora a atividade pesqueira no Brasil tenha incontestável importância socioeconômica, como provedora de proteína animal e também como geradora de estimados 800 mil empregos, mobilizando um contingente de cerca de 4 milhões de pessoas direta ou indiretamente ligadas à atividade, nos últimos anos estudos aprofundados apontam o equívoco da presunção da abundância ou inesgotabilidade desses recursos (MMA, 2010, p. 13).

Neste sentido, defende-se que a disciplina de filosofia pode trazer uma importante contribuição no sentido de promover a reflexão — e mais especificamente, promover a empatia — com relação aos impactos humanos no ambiente marinho. A empatia pode ser conquistada também pelos afetos, logo, é preciso provocá-los, conclui-se então que trabalhos de campo, interdisciplinares seriam fundamentais.

---

<sup>3</sup> “Nos últimos anos a percepção do mundo sobre o estágio de degradação dos ecossistemas costeiros e marinhos aumentou substancialmente, motivando estudos e propostas de ação para conter e reverter as causas que conduzem ao comprometimento ambiental dessas regiões” (DIAS, 2010, p. 6).

### 3 METODOLOGIA

O conceito de empatia nas aulas de filosofia é uma das formas de se refletir acerca dos temas transversais, com enfoque no meio ambiente. Nas turmas de terceiro ano do ensino médio, torna-se fecundo em função de os(as) alunos(as) terem estudado o conceito ética no início do ano letivo, conforme o planejamento anual da disciplina de filosofia na Escola de Ensino Fundamental Francisco de Paula Seara, instituição em que leciono e contexto de pesquisa deste estudo.

Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa que, segundo Alves e Mazzotti (2004), pretende alcançar as relações humanas e suas interações. Para Godoy, “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural” (GODOY, 1995, p. 62). Sendo assim, este estudo tem como foco o desenvolvimento de uma proposta didática para um contexto específico de ensino. Trata-se, assim, de uma proposta de intervenção local, uma vez que se pretende desenvolver a empatia com relação ao ambiente marinho para o terceiro ano do ensino médio na escola em que leciono. Esse trabalho está fundamentado teoricamente a partir dos documentos norteadores da educação que versam sobre o ensino de filosofia e sobre os temas transversais e do conceito de empatia (ver capítulo anterior).

A partir do contato com os pressupostos teóricos sobre o ensino de filosofia e sobre o conceito de empatia, proponho modelos de planos de aula, visando ao desenvolvimento de empatia com o ambiente marinho nas aulas de filosofia.

Foram elaborados cinco planos de aula (ver seção dos resultados e discussão), nos quais constaram: tema, duração, objetivos específicos, recursos, procedimentos metodológicos, avaliação, bibliografia. No item “tema” apresentei os conteúdos que seriam abordados na respectiva aula, relacionando os conhecimentos da filosofia aos do ambiente marinho e o conceito de empatia, sendo que utilizei o valor referencial correspondente a cada objetivo, procurando por uma educação integral e oportunizando o exercício de cidadania. No Plano Curricular Geral (PCG) - Ensino Médio - da Rede Santa Paulina (2017), utilizado para os planejamentos das aulas do Colégio São José de Itajaí, escola na qual também leciono, encontra-se o conceito de valores utilizado nesse trabalho.

Valores Transversais: Sensibilidade para perceber, disponibilidade para servir, simplicidade, humildade, vida interior. Estes valores formam o núcleo do carisma e do espírito da Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição e fundamentam todas as suas obras (PGC, 2017, p. 4).

Além disso, apresento em cada plano de aula os objetivos de aprendizagem, que consistem no que se espera que os alunos sejam capazes de fazer após o final da aula, a metodologia explicando como será conduzida a aula, a avaliação detalhando os critérios avaliativos e, nos apêndices, as atividades que são dirigidas aos estudantes.

A proposta didática desenvolvida tem como público-alvo os(as) alunos(as) do terceiro ano do ensino médio<sup>4</sup>, principalmente em função da organização dos conteúdos curriculares. De acordo com o PPP da escola, que foi concebido tendo como sua principal base a Proposta Curricular de Santa Catarina, o objetivo da escola é “a formação de um aluno crítico, autônomo e participativo” (SANTA CATARINA, 2016, p. 16). Além disso, este documento esclarece acerca da filosofia da escola: “A Escola de Ensino Fundamental Francisco de Paula Seára pretende desenvolver um cidadão sensibilizado a uma vivência contextualizada, participativa e integrado a sociedade em que vive” (SANTA CATARINA, 2016, p. 18).

Observando os documentos que orientam a proposta aqui apresentada fica clara a importância de sensibilizar os(as) alunos(as) em relação a questões candentes na sociedade contemporânea, até que possam ser capazes de tecer críticas sociais, contribuindo, assim, para o cumprimento da função social da escola, que é “ampliar os conhecimentos pelo processo ensino aprendizagem desenvolvendo [o] educando de modo a prepará-lo para a construção e pelo exercício da cidadania dentro do contexto social” (SANTA CATARINA, 2016, p. 19).

Mais especificamente, partindo da missão e dos objetivos da escola, apresentados na citação anterior, a disciplina de filosofia não se contenta com opiniões meramente formuladas pelo senso comum, já que é preciso estudos e leituras até que tenhamos condições de exercermos a verdadeira cidadania.

O documento da escola traz ainda a proposta metodológica, falando sobre a possibilidade de as aulas estarem em maior consonância com a realidade e não apenas repetirem conceitos e conteúdos estudados em outros anos letivos. Trata-se de “uma proposta metodológica de trabalho didático para que as aulas não se tornem apenas reprodução de conteúdos, mas possibilidades de reflexão e construção de conhecimentos, integrando teoria e prática” (SANTA CATARINA, 2016, p. 21).

---

<sup>4</sup> Em 2017, a escola mantém duas turmas do terceiro ano, uma com 22 alunos(as) e outra com 20 alunos(as).

A ementa da disciplina de filosofia que consta no PPP da escola corrobora a presente proposta pedagógica, servindo para confirmar as necessidades de desenvolver planos de aula com os critérios necessários para que os(as) alunos(as) possam reconhecer que mudam constantemente o mundo ao seu entorno:

A disciplina Filosofia busca desenvolver no aluno, o espírito reflexivo, analítico e crítico, mediante a socialização, análise e discussão dos conceitos do senso comum e das ciências, capacitando-o para entender-se como produto e produtor das concepções de homem e de mundo que vão gerar/ mover/mudar o contexto social (SANTA CATARINA, 2016, p. 52).

Levando em conta o contexto de ensino em questão e os pressupostos teóricos sobre o ensino de filosofia e ensino de empatia, faz-se necessário estabelecer critérios para o planejamento de aulas que tenham como foco a empatia em relação ao ambiente marinho. Ao elaborar planos de aula que falam de empatia com os animais marinhos, fica uma mensagem subjetiva, *al di lá*<sup>5</sup> dos objetivos, pois a sensibilização em relação aos animais do ambiente marinho poderá, quiçá, levar os(as) alunos(as) a pensarem em si mesmos e nas violências ocultas, aquelas que não percebemos que estamos fazendo com o outro ou até mesmo conosco.

Além disso, é preciso refletir sobre os procedimentos metodológicos a serem utilizados. De acordo com o planejamento anual da disciplina de filosofia de 2017 da Escola Francisco de Paula Seara, dentre os procedimentos metodológicos para a aula está a “sensibilização – momento inicial da aula em que, para sensibilizar o aluno, deve-se recorrer ao não filosófico, como filmes, músicas, contos, poemas, programas de televisão” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11). Exatamente com base nessa orientação, busco desenvolver planos de aula, fazendo uso de recursos diversos para abordar o tema empatia com o meio ambiente marinho.

Após a sensibilização inicial, é importante abordar a questão do ambiente marinho no contexto teórico, promovendo a problematização — “momento de transformar o tema em problema” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11). Ao trazermos, no planejamento, problemas relacionados ao ambiente marinho, segundo Gallo (2003), permitimos que os(as) alunos(as) pensem por si mesmos(as), produzindo o seu próprio pensar, filosofando.

---

<sup>5</sup> Expressão de origem italiana que significa além do além.

De acordo com Araújo e Costa (2003), as questões referentes ao ambiente marinho são alvo de preocupações:

Os problemas causados pelo acúmulo no ambiente marinho de resíduos sólidos, em especial plásticos e outros derivados do petróleo, preocupam cientistas e grupos ambientalistas de todo o mundo. Esse tipo de poluição afeta a estética das praias e ameaça a saúde de seus frequentadores. A presença desses materiais na costa e no mar traz prejuízos econômicos (gastos com limpeza e redução do turismo), riscos para a fauna marinha (mortes por aprisionamento, asfixia ou infecções), além de danos à pesca e à navegação (ARAÚJO; COSTA, 2003, p. 64).

Além disso, é necessária a teoria, a filosofia propriamente dita. Esse estágio da sequência didática é chamado “investigação — etapa em que o professor trabalha com a história da filosofia e os filósofos, que se tornam como ferramentas para compreender melhor aquele tema” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11). A última etapa é a “conceituação — momento em que, segundo o educador, há o exercício da experiência filosófica propriamente dita” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11).

Como veremos na seção seguinte, os pressupostos para o ensino de filosofia serviram como base para o desenvolvimento da sequência didática foco deste estudo.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra de Harari (2015) intitulada “Sapiens: uma breve história da humanidade” o autor relata em uma passagem como as espécies mais inteligentes têm impactado a vida de outras ao longo dos tempos. De acordo com o autor, “temos a honra duvidosa de ser a espécie mais mortífera nos anais da biologia” (HARARI, 2015, p. 84). Nesta sequência didática pretendo demonstrar que mudar esse diagnóstico é também nossa responsabilidade.

Como apresentado no capítulo anterior, a sequência didática foi organizada de forma a promover, primeiramente, a interação e a sensibilização, logo a seguir a possibilidade para o diálogo, depois a reflexão e finalmente a construção coletiva. A primeira aula tem como objetivo principal promover a reflexão sobre o descarte de resíduos plásticos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural. Objetiva-se, ainda, sensibilizar os(as) alunos(as) com relação a implicação da morte de animais marinhos em decorrência do plástico nas águas e a existência de plástico na água potável que bebemos (LEITE; MORRISON; TYREE, 2017), ainda sem investigações científicas concretas sobre os danos para a saúde dos seres humanos. Dessa forma, esta proposta está conectada aos pressupostos teóricos acerca da importância de sensibilizar os(as) alunos(as) em relação a questões pertinentes na sociedade contemporânea, para que possam ser capazes de tecer críticas sociais, contribuindo, assim, para o cumprimento da função social da escola.

| <b>Plano de aula – Aula 1</b>  |
|--|
| <b>Disciplina:</b> Filosofia   |
| <b>Professora:</b> Angela  |
| <b>Tema:</b> Poluição – resíduos plásticos. Valor Referencial: interação e sensibilização.   |
| <b>Duração:</b> 45 min   |
| <b>Objetivos específicos:</b> observar o descarte de resíduos plásticos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.   |
| <b>Recursos:</b> celular, papel e caneta.  |
| <b>Procedimentos metodológicos:</b> Iniciar a aula pedindo aos alunos para registrarem como a escola faz a separação dos resíduos e se há plástico misturado com os resíduos orgânicos, analisando as cestas de papéis da sala de aula e as maiores em outros ambientes da escola. Cada grupo deverá organizar seus registros respondendo as |

seguintes perguntas: 1) Há resíduos orgânicos misturados com plásticos? 2) Há coleta seletiva na escola? 3) Como é realizado o descarte final dos resíduos? Acabam misturando plásticos com orgânicos ou é totalmente separado? Para onde vai esse resíduo? Ao final da aula montar uma roda de conversa: sentados em forma circular, falar sobre a pequena pesquisa de dados acerca dos resíduos na escola. Sensibilizar os(as) alunos(as) com relatos de fatos para a questão dos plásticos em rios e oceanos, a morte de animais marinhos (entendam-se aqui aves, peixes, etc.) e a existência de plástico na água potável que bebemos (LEITE; MORRISON; TYREE, 2017), ainda sem investigações científicas concretas sobre os danos para a saúde dos seres humanos.

**Avaliação:** Os alunos serão avaliados de acordo com sua capacidade de mostrar interesse e respeito, observar atentamente para construir sua própria leitura, apresentar bons argumentos nos momentos de debate, disponibilidade ao trabalho, respeito ao argumento dos colegas.

**Bibliografia:** LEITE, Marcelo; MORRISON, Dan; TYREE, Chris. **Há microplásticos na água da torneira de todo o mundo, inclusive no Brasil.** 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2017/09/1916146-ha-microplasticos-na-agua-da-torneira-de-todo-o-mundo-inclusive-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 17 set. 2017.

A segunda aula tem como objetivo refletir sobre os animais marinhos, mais especificamente em relação a seu sofrimento e morte em decorrência dos resíduos plásticos presentes nos oceanos, rios, lagos no mundo inteiro.

Após a sensibilização inicial, é importante abordar a questão do ambiente marinho no contexto teórico, promovendo a problematização — “momento de transformar o tema em problema” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11). Ao trazermos, no planejamento, problemas relacionados ao ambiente marinho, segundo Gallo (2003), permitimos que os(as) alunos(as) pensem por si mesmos(as), produzindo o seu próprio pensar, filosofando.

| <b>Plano de aula – Aula 2</b>   |
|---|
| <b>Disciplina:</b> Filosofia  |
| <b>Professora:</b> Angela   |
| <b>Tema:</b> Empatia com os animais marinhos. Valor Referencial: Ética e cidadania.       |
| <b>Duração:</b> 45 min  |
| <b>Objetivos específicos:</b> refletir sobre os animais marinhos, mais especificamente em |

|  |
|--|
| relação a seu sofrimento e morte em decorrência dos resíduos plásticos presentes nos oceanos, rios, lagos no mundo inteiro.  |
| <b>Recursos:</b> computador, data show e caixa de som.   |
| <b>Procedimentos metodológicos:</b> Iniciar a aula perguntando aos alunos(as) se eles(as) possuem algum conhecimento acerca dos problemas enfrentados pelos animais marinhos. Em seguida, apresentar o vídeo “O plástico é cruel com os animais marinhos”, demonstrando um dos problemas que podem afetar o meio ambiente marinho. Após o término do vídeo, montar pequenos grupos de alunos(as) para a troca de percepções e sensações percebidas durante a apresentação. Finalmente, escrever ações ou projetos que poderiam ser executados pelos(a) alunos(a) na tentativa de solucionar os problemas dos animais marinhos. |
| <b>Avaliação:</b> A avaliação será pautada no que os grupos discutiram, registraram e apresentaram para a turma. Mais especificamente, o desempenho na atividade 2 será avaliado de acordo com os seguintes critérios: coesão, coerência, criatividade, clareza na explanação das ideias, objetividade, atitudes com os(as) colegas.   |
| <b>Bibliografia:</b> O PLÁSTICO É CRUEL COM OS ANIMAIS MARINHOS. Produção de Stephen W. Thomson / Plomomedia: <a href="http://www.plomomedia.com">Http://www.plomomedia.com</a> . Música: Queen - Who Wants To Live Forever. S.i.: Stephen W. Thomson / Plomomedia: <a href="http://www.plomomedia.com">Http://www.plomomedia.com</a> , 2011. P&B. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=qzWtrcMFnyg">https://www.youtube.com/watch?v=qzWtrcMFnyg</a> >. Acesso em: 21 maio 2017.  |

A terceira aula tem como objetivo conhecer as espécies marinhas disponíveis no museu, assistir as explicações da equipe de mediação e assistir aos vídeos disponibilizados no decorrer da visita.

Com a aula de campo propiciamos a contextualização e o diálogo com a realidade dos animais marinhos. Considerando as dificuldades de realizar aulas com embarcações para conhecer o meio ambiente marinho, as aulas em museus são uma excelente estratégia para professores que queiram ampliar os conhecimentos dos(as) alunos(as) possibilitando uma vastidão de conhecimentos adquiridos ao longo dos tempos, por vários profissionais. Alguns pesquisadores destacam, inclusive, a importância de utilizarmos o museu como uma ferramenta de saber:

O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio-histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e

plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade (SIMAM; COSTA; NASCIMENTO, 2007, p. 37).

De acordo com o autor Francisco Ramos, em sua obra “A danação do objeto” sobre a importância das aulas em museus:

Com atividades vinculadas à “historicidade dos objetos” na própria sala de aula, o professor incita a percepção dos alunos e aí eles terão o direito de saborear, com mais intensidade, as propostas de reflexão oferecidas pelo museu. Desse modo, não se trata mais de ‘visitar o passado’, e sim de animar estudos sobre o tempo pretérito, em relação com o que é vivido no presente. Com a excitação para a aventura de conhecer através de perguntas sobre os objetos, abre-se espaço para a percepção mais ampla diante da exposição museológica. Mais que isso: alarga-se o juízo crítico sobre o mundo que nos rodeia (RAMOS, 2004, p. 24).

Muitas pessoas atribuem um valor restrito à utilização da estratégia de aulas de campo nos museus, justamente por se tratarem de objetos pertencentes a um passado, simplesmente contando uma história estática, mas percebi nas minhas vivências em museus inúmeras possibilidades de interação entre o passado e o futuro. Principalmente pela riqueza visual propiciada em uma visita.

| <b>Plano de aula – Aula 3</b>   |
|---|
| <b>Disciplina:</b> Filosofia  |
| <b>Professora:</b> Angela   |
| <b>Tema:</b> Animais marinhos. Valor Referencial: Ética e cidadania.  |
| <b>Duração:</b> 4 h   |
| <p><b>Objetivos específicos:</b> Conhecer as espécies marinhas disponíveis no museu, refletir sobre o mundo marinho a partir das explicações da equipe de mediação e dos vídeos disponibilizados no decorrer da visita. Mais especificamente, busca-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender a problemática do plástico nos oceanos;</li> <li>• Refletir sobre a responsabilidade humana;</li> <li>• Incentivar a consciência ecológica através do conhecimento dos ambientes marinhos e animais marinhos;</li> <li>• Perceber a nossa responsabilidade como consumidores;</li> <li>• Conhecer os aspectos biológicos e filosóficos da diversidade marinha.</li> </ul> |
| <b>Recursos:</b> ônibus, computador.  |
| <b>Procedimentos metodológicos:</b> Proporcionar uma visita ao museu e aproveitar ao máximo as explicações do pessoal da universidade, assistir aos vídeos no final da visita que demonstram as forças dos oceanos e a nossa dependência deles para a nossa   |

|   |
|---|
| sobrevivência no planeta.   |
| <b>Avaliação:</b> Os alunos serão avaliados de acordo com sua capacidade de respeitar as regras do museu e manter a educação e ética com todos(as).   |
| <b>Bibliografia:</b> Museu Oceanográfico Univali – Departamento de Educação, localizado na Avenida Sambaqui, nº 318, Santo Antônio, Balneário Piçarras – SC, Brasil. CEP: 88.380-000 - <b>e-mail:</b> educacao.movi@univali.br – 55 (47) 3261-1403. |

A quarta aula tem como objetivo refletir sobre o conceito de empatia. Isso porque, é necessária a teoria, a filosofia propriamente dita. Como vimos, esse estágio da sequência didática é chamado “investigação — etapa em que o professor trabalha com a história da filosofia e os filósofos, que se tornam como ferramentas para compreender melhor aquele tema” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11).

|  |
|--|
| <b>Plano de aula – Aula 4</b>  |
| <b>Disciplina:</b> Filosofia   |
| <b>Professora:</b> Angela  |
| <b>Tema:</b> Empatia com os Animais marinhos. Valor Referencial: Ética e cidadania.  |
| <b>Duração:</b> 90 min   |
| <b>Objetivos específicos:</b> Refletir sobre o conceito de empatia para em seguida conectar ao problema ambiental causado pela poluição nos oceanos; Refletir sobre empatia com os animais marinhos; Investigar textos filosóficos.  |
| <b>Recursos:</b> Textos, computador e celular.   |
| <b>Procedimentos metodológicos:</b> Dividir a turma em pequenos grupos e para cada um deles disponibilizar uma imagem de um animal marinho em sofrimento. Em seguida os grupos irão discutir como se sentiriam se estivessem naquela situação e irão colocar a imagem no chão e escrever em pequenos pedaços de papel palavras que definam o que aquele animal pode estar sentindo, de uma forma que no centro possam ser colocadas palavras que expressem essa sensação de “se colocar no lugar do outro”. No centro serão colocados conceitos e definições de empatia, desde o período clássico até a modernidade, com exemplos na literatura e teatro, como o escritor Dostoiévski ao relatar as misérias sociais na obra Crime e Castigo. Finalmente, pedir para que os alunos leiam o texto do livro didático utilizado pela turma intitulado “Caso nazista - a banalização do mal” sobre a |

filósofa Hannah Arendt (COTRIM, FERNANDES, 2014), de forma silenciosa e individualmente. Então, após a investigação, salientar que certas atitudes podem provocar dor e sofrimento, mesmo sendo consideradas pelo senso comum como normais e aceitáveis, refletindo sobre o sofrimento dos judeus, ciganos e homossexuais no período da II Guerra Mundial e a morte de animais marinhos ocorridas em função de hábitos de seres humanos em 2017.

**Avaliação:** Participar da atividade 4 com entusiasmo e dinamismo, incentivar os grupos que estejam com dificuldades, compartilhando e auxiliando colegas a realizarem a atividade.

**Bibliografia:** COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Filosofar**. São Paulo: Saraiva, 2014.

WAAL, Frans de. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gente**. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

WAAL, Frans de. **Era da empatia** [vídeo, 17 abr. 2015]. Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/era-da-empatia-li%C3%A7%C3%B5es-da-natureza-para-uma-sociedade-mais-gente-frans-de-waal>> Acesso em: 30 jun. 2017.

A última etapa é a “conceituação — momento em que, segundo o educador, há o exercício da experiência filosófica propriamente dita” (GALLO apud COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 11). A quinta aula tem como objetivo, nesse sentido, conceituar empatia com os animais marinhos e filosofar sobre uma nova maneira de interação com o meio ambiente, menos impactante para os animais marinhos e a natureza, construir projetos ou metas para a coletividade ou, ainda, individuais, que proporcionem mudança de hábitos e atitudes. Historicamente, a partir da modernidade, mais precisamente o período intitulado pós-modernidade, os principais filósofos e pensadores críticos<sup>6</sup> consideram a necessidade de mudanças interiores e subjetivas, que, por sua vez, acabam por transformar o entorno.

O teatro pode auxiliar a promover mudanças sociais, principalmente quando propicia a possibilidade de deixarmos a posição de atores e espectadores e entrarmos no palco da vida. É uma atividade essencialmente educadora, sentimos, vemos, as emoções acontecem de uma forma muito mais real, afinal, os atores e atrizes estão interagindo diretamente com o público

Na obra intitulada “O teatro como conhecimento”, percebemos a relação estreita existente entre as artes e a ciência:

<sup>6</sup> - Dentre eles Friedrich Nietzsche (1844-1900), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Erich Fromm (1900-1980).

Tanto a arte como a ciência respondem sempre às condições histórico-concretas da vida da sociedade. [...] Isto determina a existência de uma estreita relação entre o reflexo artístico que se traduz em imagens artísticas, e o pensamento científico, que o faz em conceitos, categorias e leis. Tanto o pensamento artístico como o científico refletem o mundo objetivo e se desenvolvem com a prática social (DURÁN apud CARREIRA e CABRAL, 2006, p. 12).

Portanto, planejei uma aula utilizando o teatro. Muito mais que uma brincadeira, esta é uma forma lúdica de tratar assuntos sérios, assim como declara Spolin: “jogos teatrais, experimentados em sala de aula, devem ser reconhecidos não como diversão que extrapolam necessidades curriculares, mas sim como suporte que podem ser tecidos no cotidiano, atuando como energizadores e/ou trampolins para todos” (2008, p. 20).

O teatro amplia a nossa visão em relação às diversidades socioambientais e permite exercitar a nossa criatividade, possibilitando um olhar para lugares desconhecidos. De certa forma, para tratar o tema em questão, as artes cênicas servem com muita propriedade. Para Costa, há muitas possibilidades pedagógicas no âmago das temáticas que pretendemos alcançar:

O teatro e a ludicidade, enquanto processos que se interpenetram e possibilitam intensa motivação subjetiva, devem ser concebidos como um campo de significativa experiência emocional e intelectual, que pode (e deve) focalizar a diversidade de gênero, de classe e de grupos sociais envolvidos no processo de educação (COSTA, 2004, p. 94).

A necessidade de tratar das diferenças interespecies, empatia com o meio ambiente marinho sempre pode contribuir para provocar o debate acerca das diversidades no contexto social, sendo o teatro uma forma para abordar esses temas.

| <b>Plano de aula – Aula 5</b>   |
|---|
| <b>Disciplina:</b> Filosofia  |
| <b>Professora:</b> Angela   |
| <b>Tema:</b> Empatia com os Animais marinhos. Valor Referencial: Ética e cidadania.   |
| <b>Duração:</b> 1 h e 30 min ou mais aulas, a critério do professor com base na demanda dos(as) alunos(as)  |
| <b>Objetivos específicos:</b> Conceituar empatia com os animais marinhos e filosofar sobre uma nova maneira de interação com o meio ambiente, menos impactante para os animais marinhos e a natureza, construir projetos ou metas para a coletividade ou, ainda, individuais, que proporcionem reflexão ou mudança de hábitos e atitudes. |
| <b>Recursos:</b> materiais recicláveis a serem reutilizados, computador, mídias eletrônicas, redes sociais.   |

**Procedimentos metodológicos:** Dividir a turma em equipes. Cada equipe deverá distribuir as tarefas entre seus integrantes, para a montagem de uma peça de teatro, com roteiro próprio ou adaptado. Nesta etapa é importante perceber as habilidades de cada estudante, ficando a critério da equipe decidir a quantidade de atores em cena. É imprescindível a utilização de materiais recicláveis, preferencialmente biodegradáveis ou reutilizados/reaproveitados. As atividades deverão seguir um cronograma, começando pelo roteiro, montagem do cenário, ensaios, escolha das músicas e apresentação final. A peça teatral é de autoria dos(as) alunos(as), e o(a) professor(a) precisa ter cuidado para não induzir ou influenciar a criatividade dos jovens, protagonistas nesse momento.

**Avaliação:** A avaliação será pautada no que os grupos ensaiaram, prepararam e apresentaram para a turma. Mais especificamente, o desempenho na atividade 5 será avaliado de acordo com os seguintes critérios: preparação (ensaios, cenários), entonação de voz na hora da apresentação, uso de materiais reaproveitados ou biodegradáveis, criatividade, alternativas ecológicas, clareza, pontualidade, atitudes com os(as) colegas.

**Bibliografia:** VIZENTIN, Caroline Rauch; FRANCO, Rosemary Carla. **Meio Ambiente: do conhecimento cotidiano ao científico**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

Em minha experiência como professora de filosofia percebi como é importante realizar atividades que tenham significado para os(as) estudantes e que possam ser executadas. Também pude observar alunos(as) muito frustrados por não conseguirem realizar as atividades planejadas, por isso a adequação do planejamento à realidade da escola e o perfil dos(as) alunos é fundamental. As atividades aqui propostas são um guia, mas não uma receita, e devem ser adaptadas de acordo com cada contexto de ensino.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho de conclusão de curso procurei refletir de forma a sistematizar uma proposta didática no intuito de desenvolver a empatia com relação ao meio ambiente marinho nas aulas de filosofia, objetivando que a empatia se estenda ao meio socioambiental, pois ajudando aos seres marinhos através da empatia pelo seu sofrimento, estaremos ajudando os seres humanos.

Perceber o outro é um processo muitas vezes demorado, estar consciente de que nossos hábitos cotidianos podem estar causando o mal a outros seres, em outros lugares, nem sempre é natural. Neste sentido, a proposta didática aqui apresentada não pretende encerrar a questão da empatia com relação ao ambiente marinho no ambiente escolar. Trata-se de uma iniciativa, que precisa ser fortalecida curricularmente e através de outras iniciativas similares.

Observei, ainda, a existência de muito material disponível (em forma de vídeo, por exemplo) além das possibilidades demonstradas, tais como aulas campo, discussões, dinâmicas e uso do teatro, sendo apenas necessário um planejamento dos(as) professores(as) em realizar atividades fora do espaço escolar e incluírem nos currículos possibilidades além dos livros didáticos.

Às vezes buscamos grandes resultados e transformações, mas a principal transformação é a que conseguimos fazer a nós mesmos e, após essa mudança interior, passar para os(as) outros(as) através de nosso exemplo, principalmente, de nossas atitudes.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Antônia Cecília Zacagnini; JABLONSKI, Sílvio. Conservação da biodiversidade marinha e costeira no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 43-51, 2005.

AMARAL, Antônia Cecília Zacagnini. MIGOTTO, Álvaro E. Prefácio. In: AMARAL, Antônia Cecília Zacagnini; NALLIN, Silvana A. Henriques (org.). **Biodiversidade e ecossistemas bentônicos marinhos do litoral norte de São Paulo, Sudeste do Brasil**. Campinas, SP, Unicamp. 2011. p. 10-12.

ARAÚJO, Maria Christina B. de; COSTA, Mônica Ferreira da. Lixo no ambiente marinho: esíduos gerados pelo homem degradam a paisagem costeira e ameaçam a vida no mar. **Ciência Hoje**, v. 32, n. 191, p. 64-67, 2003.

ARENDT, Hannah. **Eichman em Jerusalém: uma reportagem sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. Constituição (1999). Lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. **Lei no 9.795, de 27 de Abril de 1999**. Brasília, Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm)>. Acesso em: 06 jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 146p.

BROLEZZI, Antonio Carlos. **Empatia em Vygotsky**. Dialogia, São Paulo, n. 20, p. 153-166, jul./dez. 2014a. Disponível em: <<http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2015/11/empatiaemvygotski.pdf>>. Acesso 30 dez. 2016>.

CARREIRA, André Luiz Antunes Netto; CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. O teatro como conhecimento. In: CARREIRA, André et al. **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 9-16.

CHAWLA, Louise. Childhood experiences associated with care for the natural world: a theoretical framework for empirical results. **Children, Youth and Environments**, v. 17, n. 4, p. 144-170, 2007.

CHAWLA, Louise. Significant life experiences revisited: a review of research on sources of environmental sensitivity. **The Journal of Environmental Education**, Philadelphia, v. 29, n. 3, p. 11-21, 1998.

COSTA, Alexandre Santiago da. Teatro - Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação. **Revista da Faced**, n. 8, p. 95- 108, 2004.

COSTA, Natacha. Educação e empatia: caminhos para a transformação social. **A Importância da Empatia na Educação**, São Paulo, p.37-37, dez. 2016. Disponível em: <[http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\\_EMPATIA\\_v6\\_dupla.pdf](http://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2016/11/PUBLICACAO_EMPATIA_v6_dupla.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2017.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Filosofar - Manual do Professor**. São Paulo: Saraiva, 2014.

DESCARTES, Renè. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1999.

DIAS, Bráulio Ferreira de Souza. Apresentação. In: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil**. Brasília: MMA, 2010. p. 6.

EEA – EUROPEAN ENVIRONMENT AGENCY. **O lixo nos nossos mares** [02 jul. 2014]. Disponível em:

<<https://www.eea.europa.eu/pt/sinais-da-aea/sinais-2014/em-analise/o-lixo-nos-nossos-mares>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. [orgs.]. **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, abr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 73. ed. São Paulo: Lake, 2014.

LEÃO, Fernando. Relações se estabelecem por empatia. **A Importância da Empatia na Educação**, São Paulo, p.61-61, dez. 2016. Disponível em: <<http://escolastransformadoras.com.br/wp->

content/uploads/2016/11/PUBLICACAO\_EMPATIA\_v6\_dupla.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

LEITE, Marcelo; MORRISON, Dan; TYREE, Chris. **Há microplásticos na água da torneira de todo o mundo, inclusive no Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2017/09/1916146-ha-microplasticos-na-agua-da-torneira-de-todo-o-mundo-inclusive-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 17 set. 2017.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de A.; BRITO, Simone Magalhães. Civilidade e empatia em disputa: o problema do controle de animais no espaço público. **Illuminuras**, v. 17, n. 42, p. 316-349, ago./dez. 2016.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Meninas podem dizer não? Algumas considerações sobre as relações de gênero e a experiência sexual entre adolescentes. In: SANTOS, Dayana, ARAUJO, Débora (org.). **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbete temas transversais**. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/temas-transversais/>>. Acesso em: 06 de jun. 2017.

MMA –MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil**. Brasília: MMA, 2010.

O PLÁSTICO É CRUEL COM OS ANIMAIS MARINHOS. Produção de Stephen W. Thomson / Plomomedia: [Http://www.plomomedia.com](http://www.plomomedia.com). Música: Queen - Wo Wants To Live Forever. S.i.: Stephen W. Thomson / Plomomedia: [Http://www.plomomedia.com](http://www.plomomedia.com), 2011. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qzWtrcMFnyg>>. Acesso em: 21 maio 2017.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO – **Conhecimentos de Filosofia** – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.

REDE SANTA PAULINA. **Plano Curricular Geral – Ensino Médio**. Itajaí: 2017.

ROSSI-WONGTSCHOWSKI, Carmen Lucia Del Bianco et al. Ambiente marinho. In: PROGRAMA REVIZEE. **Relatório Executivo**: avaliação do potencial sustentável de recursos vivos na Zona Econômica Exclusiva do Brasil. Brasília: MMA, 2006.

SANTA CATARINA. ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO DE PAULA SEARA. **Projeto Político Pedagógico**. Itajaí: 2016.

SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvana Sousa do. **Escola e museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Tradução de Ingrid Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p.449-463, set./dez. 2010. Quadrimestral. Universidade Federal de Santa Maria.  
<http://dx.doi.org/10.5902/19846444>.

UNITED NATIONS. **Conference on Environment & Development: Agenda 21**. Rio de Janeiro, Brazil, 3 to 14 June 1992. Disponível em:  
<<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

VIZENTIN, Caroline Rauch; FRANCO, Rosemary Carla. **Meio Ambiente: do conhecimento cotidiano ao científico**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WAAL, Frans de. **A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gente**. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

WAAL, Frans de. **Era da empatia** [vídeo, 17 abr. 2015]. Disponível em:  
<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/era-da-empatia-li%C3%A7%C3%B5es-da-natureza-para-uma-sociedade-mais-gentil-frans-de-waal>> Acesso em: 30 jun. 2017.

**APÊNDICES**

## **Apêndice A – Atividade 1**

### Atividade 1: Lixo na escola

Você deverá investigar a maneira que os(as) responsáveis pelos resíduos da escola descartam os resíduos para a coleta pela prefeitura. Observe as lixeiras da escola e entreviste funcionários, professores e alunos de forma a responder as seguintes perguntas:

- Como é feita a separação dos resíduos?
- Os plásticos estão misturados com resíduos orgânicos?
- No final da limpeza na escola os resíduos são descartados juntos ou em separado?
- A escola participa da coleta seletiva de lixo proporcionada pela prefeitura de Itajaí?

Observação: A atividade deve ser realizada em 15 minutos em sala de aula ou no espaço coletivo da escola, no término da atividade os(as) alunos(as) devem retornar à sala de aula.

## **Apêndice B – Atividade 2**

Atividade 2: Assista ao vídeo “O Plástico é cruel com os animais marinhos” (5 minutos e 25 segundos) e reflita sobre as seguintes perguntas. Então, discuta-as em grupo e tome notas de suas respostas.

1- Quais são os problemas enfrentados pelos animais marinhos de acordo com o vídeo?

2- É possível minimizar esses problemas enfrentados pelos animais marinhos em decorrência da utilização e descarte inadequado de plásticos nos oceanos pela população civilizada, principalmente das grandes cidades? Se sim, como?

3- Você consegue pensar em algum projeto coletivo que possa ajudar a minimizar ou solucionar o problema apresentado?

Agora escolha um relator para expor as ideias do seu grupo para a turma.

### Apêndice C – Atividade 3

Atividade 3: Fotografia e fanzine

Tema para a casa:

Essa atividade pode ser uma gravação de áudio no celular, uma postagem no *Facebook* ou *Instagram*. Escolha uma foto que você tirou durante a visita ao museu. Procure se esmerar e escolha uma bela foto: lembre que você é o fotógrafo e a fotografia é uma arte.

Na legenda da fotografia escolhida escreva porque escolheu esse momento e o que mais chamou a atenção no museu.

Em seguida reúna seus talentos e produza uma fanzine sobre a visita, procurando responder as seguintes questões:

- Consegui entender a problemática do plástico nos oceanos?
- Pude refletir sobre a minha responsabilidade?
- Despertei a minha consciência ecológica através do conhecimento dos ambientes e animais marinhos?
- Percebi a minha responsabilidade como consumidor?
- Posso afirmar que conheço os aspectos biológicos e filosóficos da diversidade marinha?

Obs: O fanzine poderá conter charge, piadas, HQ (histórias em quadrinhos), desenhos, textos, jogos (caça-palavras), etc. e será entregue ao(à) professor(a) na próxima aula.

## Apêndice D – Atividade 4

### Atividade 4

Figura 1

**Caso nazista – a banalização do mal**

Tomemos um caso que, por suas dimensões e características, nos dá uma ideia precisa do que pode ser o uso “interessado” da racionalidade científica e da tecnologia: a violência do regime nazista, instalado na Alemanha entre 1933 e 1945.

Tal fato foi analisado pela pensadora alemã **Hannah Arendt** (1906-1975), em seu livro *Eichmann em Jerusalém*. Em sua investigação, ela destaca a forma cientificista, a racionalidade perversa com que foram mortos cerca de seis milhões de judeus nos campos de extermínio, sob o comando de Adolf Hitler.

O emprego da tecnologia – no caso, as câmaras de gás e os fornos crematórios – era um procedimento frio, burocratizado, uma operação conduzida por funcionários públicos. Eichmann é o nome de um desses funcionários de Hitler, que Arendt identificou como um produto típico do regime nazista.

Analisando as condições que possibilitaram o extermínio de um número tão grande de pessoas, Hannah Arendt concluiu que isso se deveu à **banalização do mal**, obtida por uma prática **cientificamente programada e racionalizada** da violência.

Em nossos dias, situações semelhantes se repetem nos “ataques cirúrgicos” que caracterizam as guerras atuais. Resultado do refinamento da tecnologia de armamentos, essas guerras a distância também banalizam o mal, uma vez que quem aperta um botão não presencia, não vive diretamente o horror da guerra.



Hannah Arendt foi uma das filósofas mais influentes do século XX. Ela acompanhou o julgamento de Adolf Eichmann e ficou impressionada com seu aspecto trivial e equilibrado, o típico burocrata obediente às regras e habituado a “não pensar” além do que lhe é solicitado.

HONORÁRIOS PORTUGUEZES/IMAGES

#### CONEXÕES

2. Pense em seu cotidiano, em suas diversas vivências e no que você conhece de sua cidade. Procure identificar o papel da ciência e da tecnologia em sua vida e em seu ambiente. Há coisas boas e coisas ruins? Quais são elas?

Filosofar (COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 391).

Leia o texto *Caso nazista - a banalização do mal* (ver figura 1) e responda a seguinte questão sugerida pelo autor do livro didático:

Conexões 2- Pense em seu cotidiano, em suas diversas vivências e no que você conhece da sua cidade. Procure identificar o papel da ciência e da tecnologia em sua vida e em seu ambiente. Há coisas boas e coisas ruins? Quais são elas? (COTRIM; FERNANDES, 2014, p. 391).

### **Apêndice E – Atividade 5**

Atividade 5: Teatro Vozes das Minorias Socioambientais Marinhas:

A turma será dividida em equipes. Cada equipe deverá distribuir os seguintes papéis entre seus integrantes:

- Roteiristas: crie uma peça teatral baseada no mapa conceitual da atividade 4, com diálogos entre os personagens;
- Atores: ensaiar e encenar a peça;
- Maquiadores(as): maquiar os atores;
- Cinegrafistas: filmar e fotografar o teatro e os ensaios;
- Cenógrafos(as): montar o cenário da peça com materiais reutilizados e reciclados;
- Cenotécnico(a): montar a parte técnica no cenário;
- Figurinista: conseguir roupas para os atores;
- Iluminador(a): montar a iluminação do teatro;
- Diretor(a): dirigir e apresentar o espetáculo.

Escreva as ideias envolvendo a coletividade ou metas pessoais de mudanças de hábitos que atinjam o meio ambiente marinho, dando enfoque na questão da poluição de derivados de petróleo nos mares e depois coloque em ação o teatro Vozes das Minorias Socioambientais Marinhas.

Para encerrar a atividade 5, – torne-se um(a) fiscal na escola e em casa, cobrando se a separação dos resíduos plásticos está ocorrendo.